



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

HEADBANGER: A CONSTRUÇÃO DO “SER” HEAVY METAL EM FORTALEZA-CE (1985-1990)

Autor: João de França Quixadá¹

Resumo: Reconstruindo o cenário urbano em que a subcultura headbanger agia, este trabalho analisa as disputas enfrentadas por essa parcela da juventude dos anos 1980 em Fortaleza (CE). Os conflitos de interesse são percebidos nos locais em que procuram ocupar, e que são disputados em múltiplos âmbitos – econômicos, imaginários, representativos... –, contra donos de estabelecimentos, outras subculturas, pais e parentes, instrumentos do Estado, imprensa e população sob os valores de uma tradição a serem conservados. Dessa maneira, interessa-nos analisar as motivações dos jovens ligados ao movimento Heavy Metal e traçar um desenvolvimento de um “ser” headbanger sócio-histórico na Fortaleza urbana (1985-1990), este “ser” caracterizado na dimensão de sujeito: na medida que age, toma voz e é inserido nas sociabilidades do seu grupo social; e de discurso, a narrativa que está intrínseca à agência do grupo, sendo deliberadamente produzida na representação deles para si, nos modos que se percebem no próprio tempo e como se projetam para o futuro. Para isso, faz-se o uso do estudo de diferentes tipologias de fontes, entre arquivos pessoais e institucionais. Assim, analisa-se as três coleções de fanzines: True Metal's Fan Club (1985), Heavy Metal (1986 - 1988) e Savage Metal (1989), caracterizando parte da imprensa alternativa que circulava entre esses jovens, sendo sua voz impressa nas críticas, nos relatos das experiências urbanas e nas vontades/expectativas dos autores; os cartazes dos eventos e os registros fotográficos, permitindo observar a ocupação de um espaço, sua ressignificação e sua re-dinamização; os periódicos formais O POVO e Diário do Nordeste (1986-1987), que produzem discursos conflitantes no intuito chocar, “sensacionalizar”, bestializar, questionar e divulgar os headbangers; e os depoimentos orais, com 30 entrevistas utilizadas como uma forma de confrontar as vivências do passado que estão sendo construídas no presente.

Palavras-chave: Cidade; Fanzine; Headbanger; Juventude.

Sobre o objeto:

Este trabalho trata-se de uma apresentação dos caminhos da pesquisa do autor enquanto mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará (PPGH-UFC) o qual está, atualmente, seguindo. Nesse sentido, será refletido não apenas sobre a abordagem teórica e sobre o manejo de cada tipo de fonte

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará (PPGH-UFC) e bolsista da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: joaodefrancahistoria@gmail.com.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

histórica. É proposto, aqui, uma análise do planejamento das etapas de escrita da dissertação. Esta última que é produto final desta pesquisa.

Dessa maneira, concentra-se em entender uma certa organização sociocultural que toma forma a partir dos meados da década de 1980 em Fortaleza, Ceará, com os jovens ligados ao movimento atrelado à música pesada do heavy metal². Essa parcela diminuta de jovens, percebidos pela cidade, recebe juízos de valores que reverberam no agenciamento dos novos modos de vida cultivados pelos próprios, que intentam criar um cotidiano e uma nova forma de existir no espaço da cidade por meio de uma série de revisões de valores (os da família, os da religião, os da sobriedade...), os quais são disputados para a substituição por outros (os da liberdade, os da contestação, os da libertinagem...).

Assim, a necessidade de disputas por espaços, de conflitos e de apaziguamentos, evidencia uma identificação como grupo “abaixo do chão” (no *underground*³) da sociedade feita a partir de códigos, de regras e de uma moral narrados pelos próprios jovens ligados ao movimento da música pesada.

Portanto, o discurso presente na relação desses sujeitos enquanto estudantes, trabalhadores, homens (em sua maioria) e mulheres, filhos e filhas, ao mesmo tempo, jovens do heavy metal, cada qual tomando um lugar não só na cultura que os rodeia, mas também na cultura que criavam, com o novo sistema de valores, com as novas formas de comunicação e com a nova experimentação dos espaços urbanos de Fortaleza é o vestígio em que as fontes estudadas podem nos fazer entender que se trata de relações e de disputas de poder para uma tentativa de se formar esse novo modo de vida atravessado de intencionalidades, estas que são lembradas, esquecidas, reivindicadas,

² O heavy metal (ou “metal”) é um gênero derivado do rock e se caracteriza pela agressividade sonora. Utilizando-se de riffs de guitarra com distorções, de baixos, de baterias e de vocais gritados (LEÃO, 1997). Popular nos EUA e no Reino Unido, tomou forma e difusão no Brasil ao início da década de 1980 (SILVA, 2015).

³ *Underground* para Reubert Pacheco (2016) significa o contrário do *mainstream*, este último sendo “ligado à ideia de pertencimento à Indústria Fonográfica ou mesmo à Indústria Cultural” (PACHECO, 2016, p.11), e o primeiro como sendo ligado a ideia de uma produção autossuficiente, que não visa as vendas e que circula “por de baixo” da sociedade. Um cenário *underground* tem esse sentido, de estar ao contrário do caminho da indústria.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

moldadas e modificadas pelos seus (agora antigos e/ou ainda) participantes no presente a partir da investigação de seus relatos orais.

Sobre as práticas e o cotidiano:

Em um esforço primário, se analisa duas matérias do periódico impresso Diário do Nordeste. A primeira, intitulada “Maconha, LSD, Morte, Culto ao Demônio, Negação... O som agressivo do Heavy Metal”, matéria de capa do segundo caderno do jornal, com data de 05 de fevereiro de 1987. A segunda, sob o título, “Metaleiros. Nem de Deus, nem do Diabo”, com um espaço menos reservado no documento, no topo da página 07 da seção de Variedades, com a data de 16 de fevereiro de 1987.

“Vestidos de negro, cabelos em desalinho e fazendo símbolos satânicos, **os metaleiros do Ceará**, que recentemente promoveram o I Festival de Heavy Metal, chamado “Necrofestival” (necro significa morte) afirmam que o som agressivo é uma espécie de alerta para os erros do mundo” (Diário do Nordeste, 05 de fevereiro de 1987, Capa do Segundo Caderno, grifo do pesquisador).

O periódico, então, assume a existência de um novo grupo de jovens em Fortaleza: o dos “metaleiros do Ceará”. Em seguida, produz uma narrativa do gênero musical e de seus ouvintes em direção a um alerta: os altos decibéis não só maltratam o canal auditivo, segundo ele, mas os acordes repetitivos contêm um poder hipnótico. Ao final do texto, em 1987, o Diário do Nordeste afirmava que o heavy metal, é um gênero que, no universo dos jovens, se resume a “perversão sexual, enaltece o homossexualismo, o uso de drogas, a rebeldia contra a família, o governo, o Cristianismo” (Diário do Nordeste, 05 de fevereiro de 1987, Capa do Segundo Caderno).

É curioso perceber que onze dias depois, a segunda matéria das quais foram apresentadas acima se mostrava nos seguintes dizeres:

“Desde que o Diário do Nordeste publicou matéria criticando e associando o heavy metal com drogas, hipnose, vandalismo, etc., **a comunidade metaleira de Fortaleza** ficou em polvorosa. Segundo eles, a matéria pareceu preconceituosa e exagerada, bem longe do espírito de contestação sem violência que caracteriza o gênero”



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

(Diário do Nordeste, 16 de fevereiro de 1987, Segundo Caderno, Variedades, p.7, grifo do pesquisador).

Assim, o Diário do Nordeste reconhecia, mais uma vez, a existência de uma comunidade de jovens na cidade ligada à música pesada, e se antes o heavy metal estava sendo introduzido a partir de uma perspectiva sensacionalista, na qual era possível perceber uma tentativa de tornar esses jovens e a sua música um perigo para uma série de valores que configuravam uma dita sociedade tradicional fortalezense, agora o jornal apresentava as características do heavy metal na perspectiva de seus participantes, a partir de um novo vocabulário do “pequeno espaço” dos “headbangers”⁴ (Diário do Nordeste, 16 de fevereiro de 1987, Segundo Caderno, Variedades, p.7) e que mesmo assim é, de certa maneira, questionado e ridicularizado, por meio de intervenções do jornal, ao meio das falas dos entrevistados – aqueles que deviam caracterizá-lo.

Considerando que os documentos jornalísticos “não apenas podem fornecer dados sobre as sociedades do passado mas também comentam e participam da História, dos processos e conjunturas ao qual estão inseridos” (LEITE, 2015), é possível refletir que as duas matérias do Diário do Nordeste (1987) são, em parte, os vestígios de uma sociedade que estava lidando com uma nova paisagem de jovens, esses, organizados em uma comunidade, que utilizavam da música pesada como seu norte para compor uma linguagem, uma estética e um conjunto de práticas que iria (re)criar seu cotidiano e seus valores na cidade aos meados dos anos 1980.

Em seguida, o trabalho se encaminhará para compreender o que era esse heavy metal nos anos 1980 e de que forma podemos falar de uma cultura do heavy metal não apenas *em*, mas *de* Fortaleza.

Conforme Paul Friedlander (2002):

“Com as instituições sociais e econômicas da sociedade, incluindo os relacionamentos familiares e o sistema educacional, decaindo e as oportunidades de empregos, dos que sustentavam as famílias, desaparecendo, era natural que um estilo de música popular

⁴ Aqui o jornal se refere como os jovens ligados ao movimento do heavy metal em Fortaleza estavam se chamando. Em tradução livre, do inglês para o português: “batedores de cabeça”.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

refletisse a desilusão, medo e impotência que acompanhavam esta situação” (FRIEDLANDER, 2002, p.383).

Esse estilo de música era, propriamente, o heavy metal, que vai ser utilizado por uma parcela mais jovem e predominantemente masculina, principalmente no eixo Inglaterra e Estados Unidos da América, na transição dos anos 1970 para os anos 1980, chegando ao Brasil como produto da cultura de massas.

Portanto, o heavy metal que chega ao Brasil, mesmo em sua forma mais embrionária⁵, já estava sendo produzido “segundo as normas maciças da fabricação industrial” (MORIN, 2009, p.14) que o define como parte da cultura de massas.

E é por meio do contato com os discos de vinis das bandas famosas, “encontrados em lojas espalhadas por todo o país” que o gênero “acabou caindo no gosto de uma parcela da juventude” (SILVA, 2015, p.134). Percebe-se, portanto, que a música pesada do heavy metal tinha a categoria “juventude” o seu público consumidor, entretanto, mesmo que visto como somente consumidores pela indústria cultural, no Brasil dos meados dos anos 1980, em processo de abertura política, jovens adeptos de diversos gêneros musicais tomavam estes como seu estilo de vida, é o caso dos “bichos-grilos”, dos “punks”, da “turma da new wave”, dos jovens dos “bailes blacks” e, também, dos “metaleiros” (NAPOLITANO, 2023, p.127). Assim, o heavy metal em território brasileiro, nos fins da ditadura militar, define uma das mais diversas subculturas juvenis do período, as quais “identidade, atitude e estilo então se confundiam e eram formas de afirmação social e modernidade” (NAPOLITANO, 2023, p.127).

Os jovens do heavy metal no Brasil produziam sua identidade por meio de uma “ruptura estética” (SILVA, 2015, p.168), a qual, se comportando “como um verdadeiro alienígena” o jovem ligado a este estilo musical se produzia como um *outsider*, recusando “tudo o que já havia sido feito” (SILVA, 2015, p.136) – culturalmente e musicalmente – na sociedade brasileira.

Dessa maneira, é no editorial da primeira edição do fanzine⁶ produzido pelo fã-club de heavy metal “True Metal’s Fan Club”⁷ de Fortaleza, em 1985, que podemos

⁵ Por meio da expressão das primeiras bandas do gênero no Brasil, como a paraense Stress, tendo seu primeiro disco em 1982.



encontrar os vestígios de como esse fenômeno cultural da juventude estava sendo definido na cidade.

“O METAL é a música daqueles que trazem em si o espírito rebelde e contestador da juventude; dos que amam a liberdade e não aceitam imposições; dos que exigem o direito de **viver a vida ao seu modo** e não de acordo com regras criadas pela sociedade hipócrita e insensível dos nossos dias. (...). Apesar das dificuldades, nasce o primeiro fã-clube cearense do verdadeiro e idolatrado HEAVY METAL, e também conclamamos todos os verdadeiros Bangers⁸ (e **não aqueles que estão nessa apenas por achar que o Metal é moda**) (...) (True Metal's Fan Club, Informativo N°01, ano 1, 1985, grifo do pesquisador).

Percebe-se que este fã-clube de heavy metal é um vestígio de um gênero musical que chega à cidade de Fortaleza sob um processo mercadológico, entretanto, vê-se que há uma parcela da juventude que intenta não tomar essa música como “moda”, mas como um meio de “viver a vida ao seu modo”. O fanzine do True Metal's Fan Club, nesse caso, nos indica como, naquele período, esses jovens, em Fortaleza, estavam tomando o “caos e a destruição à base de muito barulho e letras apocalípticas” (SILVA, 2015, p.136) do heavy metal como parte não só do seu imaginário, mas da sua prática cotidiana na cidade, da sua cultura, na relação dialética em que “uma cultura fornece pontos de apoio imaginários à vida prática” e “pontos de apoio práticos à vida imaginária” (MORIN, 2009, p.15).

À luz desse raciocínio, para Joaquim Lucas Júnior (2024), um dos antigos editores do fanzine do True Metal's Fan Club, para fazer parte do movimento dos jovens do heavy metal era necessário, primeiramente, “ter material e conhecer” (Depoimento de Joaquim Lucas Júnior, 2024), nesse sentido, esse antigo jovem ainda

⁶ Revistas alternativas, datilografadas, manuscritas, mimeografadas ou xerocadas, de baixo custo e de prensagens irregulares, “cujo nome é um neologismo formado pela contração dos termos ingleses fanatic e magazine (...)” (CASTELO BRANCO, 2015).

⁷ Fundado por Joaquim Lucas Júnior e Francisco Jander Martins, o fã clube de heavy metal “True Metal's Fan Club” funcionava, entre os anos de 1984 e de 1985, como um centro de trocas de materiais (fitas, discos, *patches*...) e de correspondências, além de assinar o fanzine homônimo. Tinha uma singela sede na rua Aquiles Beviláqua, 78, no bairro Joaquim Távora.

⁸ *Banger* é uma versão curta do termo *headbanger*.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024

FAEC/UECE - CRATEÚS

hoje reconhece que a identificação dos jovens dos anos 1980 em Fortaleza com o movimento da música pesada se baseava, antes de tudo, na relação material, isto é, na capacidade do jovem de se articular com o material que representava não só a estética do heavy metal, mas que o ampliasse: integrar o movimento do heavy metal em Fortaleza nos anos 1980 era, antes de mais nada, conhecer o material que fundamenta este movimento.

Assim sendo, essa etapa do trabalho se encerra com o estudo da perspectiva de como esses novos modos de vida produzidos no espaço da cidade por esses jovens ligados ao heavy metal partiam de uma relação com o material que os identificava como parte deste movimento. A cultura do heavy metal em Fortaleza, aquela sendo a forma como os grupos manejam os materiais crus da sua existência social e material (CLARKE et al., 1976), começa naquilo que aquela parcela de jovens dos anos 1980 podia ou não consumir e naquilo que ela podia ou não produzir. E esse manejo dos materiais acontecia, primeiramente, em grupo, nos espaços ressignificados, ou melhor, ‘conquistados’ para a prática do heavy metal e do ‘ser’ heavy metal.



Figura 1 - Jovens do heavy metal em frente à loja Purgatory Discos (Acervo do autor, 1987).

No excerto fotográfico (*Figura 1*) cedido ao pesquisador pelo antigo participante do movimento, Francisco de Assis do Nascimento Martins, a partir da sua coleção pessoal, com data de cerca de janeiro do ano de 1987, vemos jovens ligados ao movimento do heavy metal em frente à loja Purgatory Discos, localizada, nesse ano em



questão, na rua 24 de Maio, nº 747, no Centro da cidade, e que se caracterizava como uma loja de artigos especializados em heavy metal. Na imagem, meninos e meninas, em sua maioria, se registram e se aglomeram fazendo gestos e expressões que aludem à agressividade característica e, ao mesmo tempo, subjetiva do movimento, e em suas mãos carregam capas de discos (*Long Plays – LP's*). João Paulo Medeiros (2016), em seu estudo sobre a loja Whiplash Discos em Natal, Rio Grande do Norte, a partir dos anos 1980, entende que esse tipo de local se tratava de “um espaço de convergência onde as ideias circulavam. **Mesmo para os que não podiam comprar discos, a loja era um lugar de se encontrar enquanto sujeito, headbanger**, fazer amizades e ouvir música (MEDEIROS, 2016, p.121, grifo do pesquisador). Dessa maneira, a loja Purgatory Discos, em Fortaleza, cumpria o mesmo papel que a loja Whiplash Discos, em Natal, e a argumentação de João Paulo Medeiros (2016) e o registro fotográfico da *Figura 1* complementam a ideia de que esses grupos de jovens se aculturavam de si próprios a partir do contato com o material que os identificavam, mas não necessariamente eram capazes de consumi-los. Era a loja, no Centro da cidade, um dos locais que alteravam a paisagem cotidiana de Fortaleza e, ao mesmo tempo, construía um novo cotidiano para os jovens do heavy metal. Eles, mesmo sem o poder de compra em demasia⁹, faziam das lojas o centro de contato material, daquilo que faziam se afirmar como indivíduos e como parte de uma cultura diminuta que estava se formando nas ruas.

Sobre as representações de si e as demandas pelo “ser” heavy metal:

Nessa etapa do trabalho, busca-se entender como essa cultura diminuta era representada pelos seus participantes, ou melhor, compreender como essa parcela de sujeitos jovens dos anos 1980 em Fortaleza, Ceará, representava a si própria sob intenções de construir uma cultura do heavy metal.

⁹ Em depoimento oral, Francisco de Assis do Nascimento Martins (2024), considera que, à época, no bairro que morava, Parangaba, sua vivência era de um garoto de periferia. Enquanto Joaquim Lucas Júnior (2024), também em relato oralizado, se via, em seu bairro Joaquim Távora, como um rapaz de classe média. O poder de compra, nesse sentido, não determinava quem poderia habitar os espaços ‘conquistados’ pelos jovens do heavy metal, a argumentação defende que a relação de troca dos materiais acontecia, na maior parte dos casos, antes do consumo dos discos importados. Ir para a loja, escutar música, trocar fitas, ler os fanzines adquiridos ao preço de custo ou somente olhar e tocar os discos expostos nas paredes da loja eram exemplos de relações materiais que definiam os jovens do heavy metal como tais.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

Dessa forma, aventura-se por uma ainda nova seara do campo da pesquisa com fontes históricas: o estudo dos fanzines. Estes, sendo documentos encaixados dentro de uma lógica de produção limitada, manual e sem perspectivas de retorno financeiro, destinados a públicos pequenos, abotoados e demasiadamente específicos. Para Castelo Branco (2015):

“Trata-se de um acervo que, entre outras coisas, poderá nos ajudar a entender o cotidiano de segmentos da juventude urbana brasileira a partir de uma reflexão sobre como estes segmentos jovens agenciam crítica e criativamente as práticas culturais cotidianas com as quais interpretam e constituem o mundo à sua volta” (CASTELO BRANCO, 2015, p.746).

O segmento da juventude brasileira estudado nesta pesquisa a partir dos fanzines é o dos jovens do heavy metal de Fortaleza. Assim, utiliza-se três coleções dessas revistas alternativas da cidade: True Metal's Fan Club (1985), Heavy Metal (1986-1988) e Savage Metal (1989).

Procura-se entender como essas fontes, que se estendem pela segunda década dos anos 1980, sendo instrumentos de “captura social” (CASTELO BRANCO, 2015, p.744), criavam – no sentido da instauração de estruturas, de regras, de comportamentos, de estética, de valores, de linguagem e de espaços – não apenas o público que o consumia, mas criavam (os editores dos fanzines) a si próprios, por meio de uma dinâmica de uma representação de si. Ambos os produtores e os consumidores desse circuito comungavam do discurso formulado nas páginas xerocadas das revistas do *underground*. Portanto, o discurso desses sujeitos nos fanzines construía o ‘ser’ heavy metal por via da representação deles, por eles.

Dito isso, logo em seguida pretende-se compreender como essa representação de si agia na organização dos eventos, de festas e de festivais de heavy metal no sentido de identificar os adeptos ao movimento e, ao mesmo tempo, separá-los de outras categorias dadas aos jovens da cidade no período.

A literatura atual – sobretudo de matriz sociológica – sobre o assunto dos eventos, das apresentações e dos festivais de heavy metal, compreende corretamente esses processos como uma prática ritualizada que permeia, nesses jovens do heavy



metal, o comportamento, os códigos de conduta e a permanência nesses locais como representantes uns dos outros. É o caso de Lima Filho (2013) e Medeiros (2008), ambos com estudos com experiências de campo a partir de uma espécie de “etnografia do rock em Fortaleza” (MEDEIROS, 2008, p.12). Contudo, as reflexões que esses pesquisadores produzem com seus trabalhos de campo, evidenciam um circuito de rock na cidade – não só de heavy metal – um tanto plural, diverso e maduro se compararmos com o que as fontes históricas do período dos anos 1980 – as quais foram apresentadas acima e nos tópicos anteriores – nos trazem vestígios¹⁰.

Diferentemente de se poder falar em uma “rede roqueira” com bases na mistura de elementos como diferentes “agrupamentos” – “metaleiros, alternativos, punks-hardcores, emos (...)” etc. (LIMA FILHO, 2013, p.123) –, vemos, nos eventos de heavy metal organizados no decorrer da segunda metade da década de 1980, uma procura desses jovens por se diferenciar. Sob uma lógica de que os

“Metaleiros, como alguns incautos chamam, na verdade são aqueles idiotas que pensam que heavy metal é moda, passatempo e só sabem se enfeitar ou fazer babaquices alheias às nossas aspirações. Todos aqueles que estão convictos do valor da luta e encaram o heavy metal com amor e dedicação devem ser chamados de headbangers, que é uma filosofia de vida” (O Povo, 15 de maio de 1987, Segundo Caderno, Fim de Semana).

Esses “headbangers” de Fortaleza formavam um grupo que começava a tomar o conteúdo cultural já mundializado do heavy metal para si, construindo um discurso próprio, baseado não só nas experiências do eixo Inglaterra-EUA, mas nas experiências do cotidiano de jovens de diferentes classes econômicas da cidade. Esse discurso aparecia na forma que esses sujeitos representavam a si e ao movimento que construía, se solidificando nos locais de convergência – um tipo desses locais eram, justamente, os eventos. Ademais, ainda sobre os eventos, a fala reproduzida de “Joaciro” pelo jornal O Povo de 15 de maio de 1987, no contexto de falar sobre o festival “Metal Devastation III”, é apenas uma das múltiplas tentativas desses jovens de

¹⁰ Ambos os autores realizam as suas pesquisas de campo, essencialmente, durante a década de 2000, enquanto este trabalho tem foco na segunda metade da década de 1980.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

propagar seu discurso. Discurso este que, em época de uma intensa busca por diferenciação, formulará as bases de um cenário que irá revisar os próprios valores e ideias, permitindo que autores como Lima Filho (2013) e Medeiros (2008), estudem um movimento profusamente mais plural, em que os participantes do heavy metal se percebam e se intencionem em uma “rede roqueira” (LIMA FILHO, 2013) após a década de 1990.

Para o fim desta parte, ampliando a discussão sobre a identificação do heavy metal pela diferenciação na Fortaleza dos anos 1980, a pesquisa se esforça em compreender a dinâmica de como os jovens do movimento ligado ao heavy metal da cidade intentavam e desejavam a sua identificação também por processos de afastamentos e de aproximações com outras tribos urbanas. Todavia, agora, para entender os atritos e apaziguamentos que levavam a esse comportamento para além do espaço físico, faz-se necessário compreender como essas demandas apareciam na narrativa do cotidiano desses jovens.

Na quinta edição do fanzine “Heavy Metal”¹¹, circulada no ano de 1986, logo após o editorial, um dos editores, no pseudônimo de “Sidney Lucifuge Rofocale”, deixa uma mensagem: “Morte à todos os punks !!!” (Informativo do Heavy Metal Sons Fan Club, Heavy Metal Ano I N°5, 1986). Dois anos depois, na sétima edição do mesmo fanzine, circulada no ano de 1988, no corpo do editorial, os jovens editores se manifestam:

“Sobre a união Hardcore¹² x Metal: está bem melhor, pois os bangers que não acreditavam nesta junção (assim como eu), abriram as mentes e viram que a luta de ambas partes são a mesma, ou seja: contra esta sociedade imunda, e este sistema maldito que está derrubando cada vez mais o país (...)” (Heavy Metal Fanzine, Ano 1988, N°7, 1988).

¹¹ Informativo organizado pelo “Heavy Metal Sons Fan Club”. A edição V, Ano I, foi encabeçada por Augusto César de Melo Martins, sob o pseudônimo “Augusto Death Metal”, por Ronaldo Mesquita, sob o pseudônimo “Ronaldo Slatanic Metal”, e por outro editor, com o nome não identificado até o momento, sob o pseudônimo de “Sidney Lucifuge Rofocale”. Os dois primeiros tinham vivência no bairro Parque Araxá.

¹² “American hardcore punk rock—or simply “hardcore”—is a subgenre of punk that first emerged in the late 1970s as a response to the “punk rock revolution” created by bands such as the Sex Pistols and the Ramones” (BLUSH, 2010 apud. EASLEY, 2015, p.1).



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

Esses dois excertos de um mesmo grupo de fanzine, lançados com uma diferença de apenas dois anos, os quais nos permitem observar, nas próprias vozes desses jovens do heavy metal da segunda metade dos anos 1980, as desuniões e as uniões pregadas por esse grupo em relação a outra subcultura juvenil presente na cidade – a dos punks –, também nos permitem iniciar no processo de avaliação de como esses afastamentos e aproximações, sob uma mesma temporalidade, faziam parte do já discutido processo, por parte dessa parcela da juventude de Fortaleza, de criação de si pela representação de si.

Sobre o lembrar e o esquecer do heavy metal em Fortaleza:

Durante o período de pesquisa, de estudo e de coleta das fontes que são as bases das reflexões historicamente situadas deste trabalho – de março de 2024 até o presente momento –, foram coletados 20 depoimentos orais de antigos jovens que eram adeptos ao movimento ligado à música do heavy metal em Fortaleza, que exerciam uma relação com ele ou que foram testemunhas de alguma maneira. Assim, foram 18 entrevistados, presencialmente e virtualmente, dentre estes: mulheres e homens, filhas e filhos, antigos fanzineiros, donos de lojas especializadas em artigos de música pesada, músicos ou somente participantes daquele circuito, além de preencherem o perfil, à época e a grosso modo, de estudantes de escolas públicas e particulares, de moradores da periferia ou de bairros abastados da cidade, de universitários, de trabalhadores e de desempregados.

É a partir dessas memórias que podemos confrontar as vivências desse passado com o movimento heavy metal, por meio de uma percepção de que elas estão sendo construídas no presente pelas lembranças dos entrevistados (MATOS e SENNA., 2011, p. 97).

O primeiro objetivo se mostra na tentativa de analisar a permanência e a identificação na memória dos antigos jovens ligados ao cenário musical de heavy metal em Fortaleza, Ceará, com o termo *headbanger*. Como já escrutinado anteriormente, ele aparece nos jornais e nos fanzines no sentido de denominar aqueles que “verdadeiramente” fazem parte do movimento em torno da música pesada.

Nos depoimentos orais, ele aparece sempre em uma posição contraditória:

“(...) e começamos a comprar as coisas na loja do Tony [Opus, na Galeria Pedro Jorge, Centro de Fortaleza], ‘cê’ tinha mais coisas.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

Tinha *patch*, tinha camisa, tinha vinil. A gente começou a consumir mesmo, ‘né’, e conhecer uma galera mais *headbanger* mesmo, cara. Depois a gente escutou falar que tinha a outra loja, que era a Woodstock, mas que o pessoal lá era mais radical, que era mais animal e tudo (...) e a gente ficou: ‘cara, como é que esses caras vão aceitar a gente, ‘né’?’” (Depoimento de Tales Ribeiro Araújo, 2024).

“(...) exatamente, velho, eu ‘tô’ sim nessa foto [logo após se deparar com uma fotografia que ilustra uma matéria do jornal O Povo sobre o festival Metal Devastation III em 1987] (...) esse ‘headbanger’ [a expressão aparece no texto da matéria], eu não me lembro desse nome ‘headbanger’ (...). Thrash metal, heavy metal, [sim], mas ‘headbanger’, não. Mas, é, ‘tá’ aí, o nome ‘tá’ lá, ‘né’ [na matéria de do O Povo de 1987] (...)”. (Depoimento de Luciene Brito de Freire Resende, 2024).

Os dois excertos de depoimentos orais, nos permitem observar como o termo é lembrado de diversas maneiras. No primeiro acima, a palavra é utilizada para se formar uma identificação¹³ no passado a partir do presente. Enquanto, na segunda acima, ajuda-nos a pensar como o termo é esquecido ou meramente não se usufrui dele e como isso produz outras concepções do passado a partir da autoinserção ou da autoexclusão de um sujeito como sendo um *headbanger*.

Por fim, o último esforço do trabalho nasce da reflexão de que apesar de que o movimento dos jovens ligados ao heavy metal de Fortaleza dos anos 1980 revisasse antigos valores em nome de uma invenção de um novo cotidiano na cidade, os seus adeptos mantinham discursos e comportamentos naturalmente atrelados ao meio social fora daquele mundo dito “abaixo do chão” (*underground*). Nos fanzines encontramos uma série de sentenças que indicam que os textos foram escritos sob uma lógica heteronormativa de sexualidade. Não só porque foram redigidos por homens, mas porque mantinham uma estrutura de linguagem que colocava as mulheres em lugar de submissão.

¹³ Aqui, aquela da identificação pela diferença. Como se Tales Araújo (2024) vesse hoje que, no passado, não fazia parte daquele grupo idealizado de “verdadeiros *headbangers*”.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

Historicamente, a cultura do heavy metal – no sentido globalizado, aquela da cultura de massas e da indústria cultural – “é construída em torno de uma estrutura masculinista, na qual os ideais e normas masculinas são defendidos e valorizados em contraste com a feminilidade” (JONES, 2018, p.2, tradução do pesquisador). É seguindo esse trilha e observando que os fanzines de heavy metal de Fortaleza são evidências de representações que expõem uma cultura de um heavy metal em Fortaleza sob bases “masculinistas”, que os depoimentos orais de antigas participantes do movimento estudado – Maria Auxiliadora Gadelha da Cruz (2024), Maria Leonice Dias (2024), Luciene de Brito Freire Resende (2024) e Olindina Fernandes Amarante Bezerra (2024) – servirão de objeto de reflexão sobre as memórias de mulheres que foram consideradas, por si próprias e pelos outros, como parte de um meio majoritariamente de homens. Contudo, sabendo que essas antigas jovens também eram agentes e construíam a representação não apenas delas, mas dos rapazes do movimento, a análise mnemônica que a pesquisa pretende realizar estuda como as questões dos significados de uma presença ativa feminina no movimento de jovens do heavy metal da cidade estão sendo respondidas agora, no presente, e como elas apareciam e, mais importante, eram omitidas antes, no passado.

Referências:

Bibliografia:

- CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Mídias táticas: os fanzines como fontes para a pesquisa histórica.** Diálogos, Maringá, v. 19, n.2, 2015. p. 741-762, 2015.
- CLARKE, John et al. **SUBCULTURES, CULTURES AND CLASS: A theoretical overview.** In: HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (org.). **Resistance Through Rituals: Youth subcultures in post-war Britain.** 1. ed. Londres: Hutchinson, 1976.
- EASLEY, D. B. **Riff Schemes, Form, and the Genre of Early American Hardcore Punk (1978–83).** Music Theory Online, v. 21, n. 1, mar. 2015.
- FRIEDLANDER, Paul. **Rock and roll: uma história social.** Rio de Janeiro: Record, 2002.
- JONES, S. **Kerrang! magazine and the representation of heavy metal masculinities (1981–95).** Metal Music Studies, v. 4, n. 3, p. 459–480, 1 set. 2018.
- LEÃO, Tom. **Heavy Metal: guitarras em fúria.** São Paulo: Editora 34, 1997.
- LEITE, C. **Teoria, Metodologia e Possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica.** Escritas: Revista do Curso de História de Araguaína, v. 7, n. 1, p. 03-17, 1 jan. 2015.
- LIMA FILHO, I. P. **Em tudo o que faço, eu procuro ser muito Rock and Roll.** 1º ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2013.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **HISTÓRIA ORAL COMO FONTE: problemas e métodos**. In: *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MEDEIROS, Abda. **Cosmologias do Rock em Fortaleza**. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

MEDEIROS, João Paulo Araújo. **Whiplash discos e a produção da cena headbanger em Natal dos anos 80/90**. 2016. 130f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. **Juventude e Contracultura**. São Paulo: Contexto, 2023.

PACHECO, Reubert. **Thrashnation: as representações do medo na imagética do thrash metal norte americano dos anos 1980**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

SILVA, Wlisses. **Heavy Metal no Brasil: Ou uma breve história social (década de 1980)**. São Paulo: Biblioteca24horas, 2015.

Fontes:

Depoimentos Oraís:

ARAÚJO, Tales Ribeiro. Entrevista concedida no dia 05 de agosto de 2024 a João de França Quixadá.

MARTINS, Francisco de Assis do Nascimento. Entrevista concedida no dia 13 julho de 2024 a João de França Quixadá.

LUCAS JÚNIOR, Joaquim. Entrevista concedida no dia 20 de maio de 2024 a João de França Quixadá.

RESENDE, Luciene de Brito Freire. Entrevista concedida no dia 07 de maio de 2024 a João de França Quixadá.

Fanzines:

Heavy Metal Fanzine, Ano 1988, N°7, Acervo do Autor, 1988

Informativo do Heavy Metal Sons Fan Club, Heavy Metal Ano I N°5, Acervo do Autor, 1986.

True Metal's Fan Club, Informativo N°01, ano 1, Acervo do Autor, 1985.

Jornais:

“Maconha, LSD, Morte, Culto ao Demônio, Negação... O som agressivo do Heavy Metal”. Diário do Nordeste, Capa do Segundo Caderno, Setor de Periódicos da Biblioteca Pública Estadual do Ceará, 05/02/1987.

“Metaleiros. Nem de Deus, nem do Diabo”. Diário do Nordeste, Segundo Caderno, Variedades, Setor de Periódicos da Biblioteca Pública Estadual do Ceará, 16/02/1987.

“Pauleira Total!”. O POVO, Segundo Caderno, Fim de Semana, Setor de Periódicos da Biblioteca Pública Estadual do Ceará, 15/05/1987.

Registros Fotográficos:

Figura 1 – MARTINS, Francisco. Jovens do heavy metal em frente à loja Purgatory Discos. 1987. 12,5 cm x 10 cm. Acervo do Autor.